



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6145 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 11 - Educação, Comunicação e Tecnologia

ENTRE TECNOLOGIAS E ESCOLA; AFETOS E AFETAÇÕES: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA ESCOLAR

Cristiane Bueno da Rosa de Azambuja - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

**ENTRE TECNOLOGIAS E ESCOLA; AFETOS E AFETAÇÕES: REFLEXÕES
SOBRE A EXPERIÊNCIA ESCOLAR**

Antes de tudo, este texto carrega(va) o intuito de levar para apresentação e discussão nos grupos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) parte dos resultados de uma pesquisa, já concluída, em um programa de mestrado nas áreas da Educação e do Ensino. A temática abordada envolve questões sobre as tecnologias digitais e a escola. Compreendo que a atual situação que nos acomete nesse ano de 2020, essa crise causada por um organismo tão pequeno, um vírus, mas que afetou profundamente o nosso contexto, nossa rotina e nossos projetos, nos leva a não conseguir abordar a maioria das nossas temáticas de pesquisa e ignorar esse contexto, principalmente em relação à temática que esse texto traz e que está afetando profundamente o trabalho, a vida e a saúde dos professores. Não é um objetivo aqui apresentar dados ou conclusões sobre o atual contexto, mesmo porque ainda estamos buscando compreender como essa situação inesperada afetará nossa realidade futura e o que representará para a educação. O que foi acrescentando a este texto, então, é um apontamento, um convite para outras reflexões.

Como dito, um recorte, um ponto específico de uma pesquisa de mestrado foi destacado para ser apresentado neste texto, com o objetivo de refletir sobre o uso das tecnologias digitais na escola e sobre o que pode ser importante e estar sendo deixado de lado por professores e/ou pesquisadores. A pesquisa, considerada no todo, concentrou-se em pensar sobre tecnologias digitais, desigualdades sociais e as escolas. Foi inicialmente mobilizada por alguns pontos principais. Um deles, a ideia, popularmente e midiaticamente difundida, de que jovens – crianças e adolescentes – podem ser compreendidos como “nativos digitais”, conceito proposto pelo escritor americano Mark Prensky (PRENSKY, 2001) e que constantemente está envolvido em discussões a respeito de tecnologias na escola. Essa discussão representou outro ponto mobilizador, com base em um discurso que diz que a escola tem o desafio de se adequar a um novo mundo, digital, e a esses nativos, aos novos alunos desse mundo. Ou ainda, que integrar as tecnologias digitais ao currículo escolar é uma necessidade para tentar aproximar a cultura escolar da cultura das crianças e jovens.

Em contraponto, temos a conhecida desigualdade social do Brasil e a desigualdade no acesso e nas condições de acesso aos recursos digitais, como apontaram, à época do desenvolvimento da pesquisa, as pesquisas TIC Kids Online Brasil (COMITÊ GESTOR DA

INTERNET NO BRASIL, 2016) e Tic Educação (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2017). Com base nas ideias de autores como Soares (2007) e Bourdieu (2014), e pensando sobre o que consideramos um capital escolarmente rentável, essa aparente dicotomia entre jovens incluídos ou excluídos em um mundo digital apontou a necessidade de refletir sobre tecnologias digitais, suas possíveis relações com as desigualdades sociais e o papel da escola em meio a isso.

Obviamente, o *smartphone*, assunto tão debatido nas discussões atuais sobre escola e tecnologias, mostrou-se um item de destaque na vida dos jovens, incluindo os jovens da escola pública de ensino fundamental que acolheu a pesquisa. Esse dispositivo, por ser acessado por um número expressivo de jovens, dessa e de outras escolas (como indicaram as pesquisas anteriormente mencionadas), costuma ser atualmente o principal motivador para o discurso da necessidade de mudança da escola, pois não é incomum a alegação de que os jovens não se sentem atraídos pelas aulas de uma escola tradicional, afastada do mundo digital.

Considerando o aqui exposto, se temos uma considerável desigualdade no acesso e condições de acesso aos recursos digitais, é possível considerar que *as* crianças e jovens querem uma escola incluída em um mundo digital? Quando falamos desses sujeitos, estamos considerando-os como um todo ou privilegiando um determinado grupo, já socialmente favorecido? Atualmente, é possível estabelecer essa dicotomia, essencializar sujeitos por serem parte de uma classe social, considerá-los excluídos e concluir que precisam ser incluídos? Como pesquisadora, percebi que são muitos os textos sobre as crianças e jovens, procurando dizer o que eles precisam ou entendem, mas não tantos os que procuram efetivamente compreender os significados que eles atribuem às tecnologias, à escola e ao seu modo de ser e estar no mundo.

As indagações aqui apresentadas, e outras que foram surgindo no caminho, motivaram a construção de uma pesquisa que buscou conhecer o ponto de vista de jovens estudantes de uma escola pública, dar a palavra para que pudessem relatar qual o papel que realmente as tecnologias digitais ocupam em suas vidas. O objetivo principal definido nessa pesquisa foi o de narrar os sentidos construídos por um grupo de jovens quanto a sua escola e suas práticas e com eles refletir sobre desigualdades, tecnologias, letramentos e as possibilidades das escolas públicas.

Quanto a metodologia, configurou-se como uma pesquisa (auto)etnográfica. Assim nomeada, primeiramente, pela sua inspiração etnográfica, baseada na vivência do cotidiano e no diálogo com um grupo de alunos dessa escola, com a utilização de instrumentos, pressupostos e modos de olhar de uma etnografia, buscando focalizar, conforme proposto por Erickson (1984), o ponto de vista dos participantes, a visão êmica, procurando entender e enfatizar os significados que determinados eventos têm para essas pessoas. E também por considerar o método *autoetnográfico*, como proposto por Versiani (2008), que explicita a não negação da experiência pessoal e a intersubjetividade estabelecida entre pesquisador e participantes como pressuposto básico de uma pesquisa de cunho etnográfico. Os dados foram gerados, principalmente, através da observação participante e de notas e da escrita de diário de campo, conversas e entrevistas formais e informais e registros de áudio, de vídeo e escritos pelos jovens participantes da pesquisa.

Dentre as ricas contribuições que a pesquisa *com* os jovens alunos, e não *sobre* eles, proporcionou é um ponto específico, um recorte, que será apresentado neste texto. Na dissertação produzida, acredito que a palavra dos jovens está representada, da melhor forma que foi possível, assim como os sentidos que eles atribuem à escolarização e a sua escola e às tecnologias e algumas formas de entender e pensar as desigualdades sociais. Assim como

reflexões que eles proporcionaram, sobre outras formas de pensar a escola e o ensino. O que aqui é destacado é parte dessas narrativas e reflexões e trata sobre o papel dos *afetos* em relação às tecnologias e à escola.

Os participantes da pesquisa têm em comum o envolvimento com um projeto na escola, uma rádio escolar, coordenado de forma voluntária pelo técnico em informática, sujeito que por eles é reconhecido como um professor. Nesse projeto, grupos de alunos elaboram o roteiro e apresentam programas de rádio, transmitidos para a escola, através de um sistema de som instalado nos corredores, e também pela internet. Mas também participam da organização de eventos na escola, fazem reuniões e confraternizações. Esses jovens frequentemente relacionam a escola a uma segunda casa e o grupo, formado através desse projeto, é percebido como uma família. Em suas falas demonstram fortemente os aspectos afetivos nos sentidos construídos em relação ao lugar, às pessoas e às práticas que vivenciam. *Afeto*, portanto, foi um termo extremamente significativo no que foi apresentado por essa pesquisa. E, para deixar referenciado, o(s) afeto(s) foram tratados nesse trabalho sob duas perspectivas: afeto que é substantivo, que é, como diz Vieira (2001), uma dimensão da vida humana, é relação, sentimento, sensação, o que é experimentado e vivenciado na forma de emoções e sentimentos; e afeto como verbo, como aquilo que afeta, que nos toca, como aquilo que Larrosa (2007) compreende como uma experiência.

E, considerando o destaque que os afetos ganhavam nas narrativas dos participantes, surgia a necessidade de compreender qual o papel das tecnologias digitais em meio a isso e a essa rede socioafetiva formada na escola. É comum o debate atual sobre a influência das tecnologias nas relações humanas e parece que o discurso que alega que ela afasta as pessoas é muito presente no senso comum. Mas para esse grupo de jovens, no seu ambiente, as tecnologias – representadas especialmente pelos *smartphones*, mas também pelas tecnologias envolvidas no projeto de rádio – são parte dessa rede socioafetiva e parte do cotidiano, e foi possível entender que esses aparelhos podem atuar como mediadores de afetividade, podendo ser considerados *tecnologias afetivas*.

Lasen (2004) dá o nome de “tecnologia afetiva” a um cenário de sentimentos e afetações intermediados pelos *smartphones*, pois diz que há momentos em que o dispositivo é capaz de mediar a expressão, apresentação, experiência e comunicação de sentimentos e emoções dos sujeitos. Entende que essa leitura se explica pelo fato dos aparelhos serem transportados muito próximos ao corpo, tornando-se uma extensão e, ao mesmo tempo, um objeto que potencializa esse corpo. Obviamente, tomar o celular como um mediador de afetividade, considerando o conceito de afeto, não significa compreendê-lo como algo sempre positivo para as relações interpessoais, como algo que une pessoas, pois afeto é relação que envolve uma série de sentimentos e essas tecnologias também facilitam a exposição de sentimentos negativos, como a raiva, o ódio e a angústia.

É interessante ressaltar que o aspecto afetivo que aqui foi atribuído às tecnologias digitais, especialmente com o envolvimento do *smartphone*, difere do que é compreendido por computação afetiva. Picard (1998) tratava, de certa forma, da relação entre homem, máquinas e afeto, empregando o termo Affective Computing (Computação afetiva) para propor que fossem dadas aos computadores habilidades para reconhecer e expressar emoções, qualidades que a autora considerava essenciais para computadores genuinamente inteligentes, que pudessem interagir com seres humanos. Contudo, a relação afeto/tecnologia aqui apresentada não se trata disso. Ao contrário dessa ideia, dessa computação que valorizava os aspectos da máquina, a tecnologia aqui está envolvida com o que o usuário de fato faz com essa máquina, não é objeto final mas o meio pelo qual satisfaz suas necessidades e enriquece suas experiências.

A seguir, reproduzo algumas falas dos participantes da pesquisa, extraídas do texto da dissertação, que ajudam a compreender a relação afetiva estabelecida.

A rádio significa uma família para mim, e com isso eu tenho um respeito gigante por ela, ela fez eu ver um mundo diferente, e deixava meu dia feliz, e a família que eu ganhei com ela foi incrível [...]. (Excerto de fala de G.)

No recorte da fala da jovem G., é possível compreender que esse projeto de rádio escolar não representa somente um projeto da escola, um trabalho, mas um ambiente e momentos de afeto/afetações, uma construção de vínculos.

Em muitas de suas manifestações, os jovens indicaram que participar daquele projeto também era bom porque envolvia conhecer novas tecnologias, novos aprendizados – como gravar, produzir e transmitir um programa de rádio –, também porque eles tinham um pouco mais de liberdade para utilizar seus aparelhos celulares em comparação com o uso na sala de aula. Contudo, esses usos da tecnologia normalmente estavam acompanhados de um propósito afetivo, da tecnologia como mediadora da afetividade. No excerto abaixo, parte do texto em que uma aluna dizia porque queria fazer parte do projeto da rádio, nota-se que o conhecimento e uso dessas tecnologias envolve a afetação que ela pode ter ao escutar o programa apresentado por conhecidos e ser a apresentadora, produzir esse programa para outros. Essas tecnologias não são fins, mas meios para uma experiência.

A rádio b. bom para mim a rádio é uma forma de adquirir conhecimento, sem falar que é muito legal poder ouvir um programa em que pessoas que conhecemos participam. Além de eu ter muita vontade e curiosidade de como é uma rádio, eu também tenho uma curiosidade imensa de saber como é a sensação de estar em uma sala falando em um microfone e ter pessoas nos ouvindo em outro lugar, deve ser incrível! (Excerto da fala de R.)

Em parte de outro texto, P., um jovem que também pretendia ingressar na equipe da rádio escolar, conta que seu desejo de se apropriar das novas tecnologias da rádio está diretamente relacionado aos afetos que ouvir rádio lhe provocam e em poder proporcionar esses bons afetos a outras pessoas:

a rádio para mim significa uma coisa muito Boa eu sempre quis entrar para a rádio por sempre gostei da rádio todos os dias eu escutava a rádio com o meu pai (...) a radio e uma coisa muito Boa a rádio me deicha felis e é poriso que eu costo da rádio eu sempre quis falar no microfoni poriso quis entrar na radio é também para saber muita coisa sobre o rádio e ta.mbéem costo de ajudar as pessoas e deixar as pessoas felizes. (Excerto da fala de P.)

O papel do professor nesse ambiente foi outro ponto de destaque apontado por esses jovens. Um sujeito que não é reconhecido como professor pela escola, mas recebe esse título dos alunos que por seus motivos reconhecem nele um professor. Esses jovens vão à escola, no turno contrário ao das aulas, para participar, voluntariamente, do projeto de rádio escolar. Esse projeto não é parte de alguma disciplina escolar, não “vale nota”, mas mesmo assim vários alunos interessam-se por participar e deixam de ficar em casa para estar na escola. Inicialmente, como pesquisadora que chegava à escola, pensei que o que atraía esses jovens para o projeto eram os recursos tecnológicos envolvidos (e que eram ausentes na sala de aula), mas ouvindo-os com atenção ficou claro que o que era mais importante ali era a relação

positiva de afeto estabelecida entre aquele professor e o grupo de amigos e que a tecnologia fazia parte sim, mas não teria o mesmo sentido se separada daquela rede socioafetiva. Muitos disseram que provavelmente deixariam de fazer parte do projeto caso o professor fosse outra pessoa, como conta o trecho a seguir, registrado a partir de uma entrevista com o grupo de participantes:

Alguns deles disseram que não participariam se outra pessoa assumisse a rádio, em vozes mais altas muitos comentavam como A. é fundamental naquele projeto, que a rádio não seria A Rádio se não fosse por ele. Uma das meninas respondeu que “depende”, o interesse dela no projeto dependeria de qual professor da escola o assumiria, enfatizando que esse interesse está muito ligado à relação que eles já têm com os professores e a aspectos afetivos. (Trecho de transcrição de entrevista em grupo)

Ao acompanhar de perto a vivência desses jovens e de seu professor na escola, participando de vários momentos de seus dias, e a partir da metodologia de inspiração etnográfica adotada, pude compreender que pensar uma educação mediada por tecnologias envolve muito mais que motivar ou atrair os alunos, entendi, ali, que as tecnologias têm valor enquanto parte das relações entre as pessoas.

Com isso, é possível entender que pensar nessa relação da escola, da sala de aula, com o mundo digital, envolve uma complexidade bem maior, é mais do que pensar em formação e capacitação dos professores, mais do que considerar que temos uma geração de alunos que aprende de forma diferente. Frequentemente os professores cobram-se, ou são cobrados, por não estarem devidamente atualizados, não sentirem-se capazes, ou à vontade, para propor atividades que, acreditam, estão de acordo com a linguagem de seus alunos, com o que eles desejam ou gostam na sala de aula. Porém, o que a palavra dos jovens participantes dessa pesquisa nos instiga a pensar indica que a relação que o professor estabelece com seus alunos é ou pode ser muito mais importante que os outros elementos de uma aula. Talvez o pensamento de Paulo Freire, que nunca tratou de tecnologias digitais, seja ainda mais atual do que pensamos, pois esse professor defendia a importância da afetividade na prática pedagógica, como quando afirmava que “às vezes mal se imagina o que pode passar a representar um simples gesto de um professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo” (FREIRE, 1997, p. 148).

E agora, no presente, quando estamos criando palavras como “ensino remoto”, “ensino emergencial mediado por tecnologias”, discutindo se isso é ou não Educação à Distância (EaD), e muitos de nós, pesquisadores em educação e professores, ainda pensando se concordam com o que está sendo proposto, a discussão apresentada neste texto parece ainda mais relevante. É fato que os docentes foram surpreendidos; de repente precisaram deixar de atuar presencialmente, forma que dominam, e passar a atuar de forma exclusivamente digital, sem que tenha sido oferecido o preparo adequado para isso e sem tempo suficiente para refletir e para debater o novo currículo com outros professores e com a comunidade escolar. As capacitações para lidar com as tecnologias e os ambientes digitais, muitos bastante estranhos para os docentes, são importantes e necessárias, mas o que o relatado neste texto nos sugere é a igual importância de investir nas pessoas, em valorizar o professor que, mesmo em um ambiente digital, em que sua atuação como um transmissor de conteúdos pode deixar de ser necessária, é ou pode ser o principal elo entre os alunos e a aprendizagem, o conhecimento, a experiência da/na educação. Será que acabamos pensando e nos concentrando na oferta de condições materiais, extremamente relevantes, e deixando de lado a importância de que o professor e seus alunos tenham as condições necessárias para desenvolver relações de afeto?

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias. Educação. Escola. Afetos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Kids Online Brasil 2015**. São Paulo: CGI.br, 2016b. Disponível em: goo.gl/M3C6L5. Acesso em: 04 maio 2017.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Educação 2016**. São Paulo: CGI.br, 2017. Disponível em: goo.gl/BACfSx. Acesso em: 21 maio 2018.

ERICKSON, Frederick. What makes school ethnography ‘ethnographic’? **Anthropology & Education Quarterly**, v.15, 1984. Disponível em: <http://bit.ly/2Znadt9>. Acesso em 20 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

LASEN, Amparo. Affective Technologies: emotions and mobile phones. **Surrey: The Digital World Research Centre**, 2004. Disponível em: <http://goo.gl/xJyzbO>. Acesso em 20 jul. 2019.

PICARD, Rosalind. **Affective Computing**. Massachusetts: MIT, 1998.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Escritas de si: a alternativa dramática. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2ziGSWc>. Acesso em 18 maio 2020.

VIEIRA, Marcus A. **A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.